

Projeto Ensinar é VOAR

# UM PEQUENO GUIA PARA A PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE GÉNERO

Práticas Pedagógicas e Parentais

Promotor:



Apoio Técnico:



Parceiro:



Investidor Social:



Cofinanciado por:



## ÍNDICE

PARTE I.....	4
Breve introdução .....	4
PARTE II.....	5
PORQUE É IMPORTANTE DISCUTIR A IGUALDADE DE GÉNERO? .....	5
Sexo, Género E Estereótipos – Discussão Dos Conceitos .....	6
Agenda 2030 Para O Desenvolvimento Sustentável.....	8
Políticas Europeias Para A Igualdade De Género .....	9
Realidade Portuguesa – Políticas E Estratégias.....	10
Dados Relativos À (Des)Igualdade De Género .....	12
Género e educação.....	12
Género e mercado de trabalho .....	14
Género e poder .....	15
Género e condições de vida.....	15
Género e saúde .....	16
Género e violência.....	16
PARTE III.....	18
O NOSSO PAPEL NA PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE GÉNERO .....	18
O Papel Das/os Docentes.....	20
Dinâmicas em sala de aula.....	21
Estratégias Pedagógicas.....	23
O Papel Da Família .....	24
Divisão De Tarefas Domésticas .....	25
Expectativas Profissionais .....	26
Brincadeiras .....	27
Sentimentos e comportamentos .....	28
No fundo, não tenha receio! .....	29
PARTE IV .....	30
NOTAS FINAIS .....	30
PARTE V .....	33
PROPOSTAS DE ATIVIDADES PARA CONTEXTO ESCOLAR.....	33
Nota Introdutória.....	33
1.º Ciclo do Ensino Básico.....	33
Desconstruir Narrativas Estereotipadas .....	33
Brincadeiras sem Género.....	34
Quando for adulto .....	35

Género e as Profissões .....	35
Jornalista por um dia .....	36
Género e as Profissões – Testemunho.....	37
PARTE VI .....	38
PROPOSTAS DE ATIVIDADES PARA CONTEXTO FAMILIAR.....	38
Nota Introdutória.....	38
Vamos recontar esta história! .....	38
Quando for grande posso ser o que quiser! .....	39
Sessões de cinema educativas!.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
ANEXOS.....	43
Exemplos de Livros Sobre Igualdade De Género .....	43
Exemplos de Filmes Que Retratam Questões Sobre Igualdade De Género .....	46

## PARTE I

### Breve introdução

Apesar de nos encontrarmos mais perto do que outrora, estamos ainda longe de atingir um dos objetivos essenciais à construção de uma sociedade mais justa e democrática. Embora venha sendo proclamada como essencial há mais de quarenta anos, a igualdade de género é hoje um tema, uma causa e uma luta mais atual que nunca. Neste sentido, e como instrumento de apoio não apenas às práticas promotoras da igualdade de género, mas sim à igualdade de oportunidades como um conceito amplo e omnipresente, é fundamental que o mesmo seja não só falado, como também praticado. No entanto, comportamentos e ações adotadas na escola, em casa e nos mais diversos contextos, de forma involuntária e rotineira levam a que se perpetuem comportamentos e estereótipos com fortes consequências para a igualdade de género.

No presente Guia objetiva-se, acima de tudo, uma projeção sobre o binómio reflexão ação, isto é, pretende-se que haja uma reflexão sobre práticas e crenças estereotipadas que se assumem quotidianamente, para que, à posteriori, se possa pensar na forma de agir em conformidade com práticas pedagógicas promotoras da igualdade de género. No fundo, pretende-se alertar para a necessidade de se assumir conscientemente a existência dos mais diversos estereótipos de género, intimamente relacionados com a nossa sociedade e cultura, para que possam ser desconstruídos com vista à promoção do desenvolvimento das nossas crianças, livre de preconceitos limitadores de todo o seu potencial.

Neste sentido, parece ser estruturalmente imperativo para o Guia, e antes de qualquer outro assunto, debruçar os capítulos iniciais do mesmo sobre os conceitos envolvidos na igualdade de género e sobre as indicações e linhas de atuação internacionais, para que de seguida se possa desdobrar o tema nos seus múltiplos elementos e contextos.

É assim numa linha entre o que a teoria explica, o que as indicações internacionais proclamam e o que alguns estudos sustentam em termos de práticas, que o presente Guia se encontra estruturado, privilegiando num momento final do mesmo, algumas orientações para possíveis práticas potenciadoras da igualdade de género, em contexto educativo e familiar.

## PARTE II

### PORQUE É IMPORTANTE DISCUTIR A IGUALDADE DE GÉNERO?

Discutir a temática da igualdade de género, ao contrário do que se possa pensar, é ainda bastante necessário na nossa sociedade, em grande medida porque esta ainda está longe de ser alcançada na sua plenitude. De maneira inconsciente, os quotidianos estão ainda peçados de posturas preconceituosas e distorções sexistas, não só ao nível da linguagem verbal e não verbal, mas igualmente nos estereótipos aceites e nos valores e atitudes vinculados.

Apesar dos inegáveis avanços, estamos longe de viver numa sociedade global em que estejam garantidas a igualdade de direitos e liberdades, igualdade de oportunidades de participação, reconhecimento e valorização de mulheres e de homens, nos domínios político, económico, laboral, pessoal e familiar (Cáritas, s/d).

Pode até parecer uma visão do passado, mas os dados mais recentes do European Institute for Gender Equality (2019) não deixam margem para dúvidas: 44% dos europeus ainda consideram que o papel mais importante da mulher é o de cuidar da casa e da família, enquanto 43% ainda vê o homem como responsável pelo sustento do lar.

Perante o exposto, e apesar de todas as transformações nas estruturas familiares ao longo das últimas décadas (famílias monoparentais, famílias reconstituídas) terem contribuído para que ambos os elementos do casal tenham um papel mais ativo face ao trabalho, passando as mulheres a assumirem uma postura mais participativa na esfera pública, continua a ser relevante discutir a temática por diversos fatores (Cáritas, s/d):

- A crescente participação das mulheres no mercado de trabalho não foi acompanhada pela crescente participação dos homens na vida familiar, continuando a ser estas as principais responsáveis pela execução das tarefas domésticas e pela prestação de cuidados à família;
- Existência de uma disparidade salarial entre mulheres e homens, que conseqüentemente aumenta o risco de pobreza entre a população feminina;
- Os cargos de topo e com maior responsabilidade quer ao nível as instituições privadas, quer ao nível dos cargos públicos e políticos, continuam a ser ocupados maioritariamente por homens;
- São ainda poucos os homens que auferem da licença de maternidade/paternidade partilhada, em grande parte devido ao estigma no seu local de trabalho;
- Apesar da legislação internacional e nacional em vigor, a garantia da Igualdade de oportunidades entre mulheres e homens no mercado de trabalho continua

comprometida, verificando-se ainda expectativas diferenciadas para mulheres e homens, decorrentes de estereótipos e papéis sociais de género;

Todos estes pontos acima referidos, em conjunto com outros apresentados e discutidos ao longo deste Guia, contribuem para manter a importância do debate sobre a temática da igualdade de género. Combater estas desigualdades é o caminho certo a percorrer para que todas as pessoas, independentemente dos estereótipos de género, tenham as mesmas responsabilidades e o direito às mesmas oportunidades, recursos e recompensas, permitindo assim que as próprias sociedades se desenvolvam e prosperem.

### Sexo, Género E Estereótipos – Discussão Dos Conceitos

Quando se discute o tema da igualdade de género, surgem três conceitos que devem estar totalmente clarificados, em prol da precisão e objetividade, sendo eles o conceito de sexo, de género e o de estereótipo.

O conceito de Sexo, por pertencer ao domínio da biologia, traduz o conjunto de características biológicas e fisiológicas que distinguem os homens e as mulheres. O conceito de Género, por ser inscrito no domínio da cultura e dos significados sociais, remete-nos para as diferenças entre mulheres e homens, resultantes do processo de socialização e, conseqüentemente, da formação da sua identidade (Cáritas, s/d). Assim, o género envolve características psicológicas e culturais que a mulher e o homem vão adquirindo e interiorizando à medida que constroem a sua identidade, e que tendem a estar associados aos conceitos de masculinidade e de feminilidade, isto é, a um conjunto de qualidades e de comportamentos que as sociedades esperam dos homens e das mulheres (Cardona et al., 2015). Estas expectativas sociais não são estáticas, no sentido em que, para além de terem evoluído ao longo do tempo, diferem de cultura para cultura, influenciadas por fatores como a religião, etnia, classe social, entre outros.

Os estereótipos constituem conjuntos bem organizados de crenças acerca das características das pessoas que pertencem a um determinado grupo em particular, tendencialmente avaliadas da mesma forma por se considerar que pertencem a categorias homogéneas (Cardona et al., 2015).

Os estereótipos de género em particular, estão relacionados com as crenças amplamente partilhadas pela sociedade sobre o que significa ser mulher e homem, no que diz respeito aos traços ou atributos de personalidade, às características físicas, aos papéis desempenhados e até às atividades profissionais prosseguidas (Susan Basow, 1986, cit. por Cardona et al., 2015), desempenhando assim um papel profundamente normativo, com fortes conseqüências para a

igualdade de género. Assim, os estereótipos e, conseqüentemente, os preconceitos gerados sobre o que uma mulher ou um homem podem, ou não, fazer são resultado e causa de discriminação, tendo impacto nas mais diversas áreas da vida cívica, pessoal e profissional, nomeadamente (Presidência do Conselho de Ministros, 2018):

- Na participação e estatuto no mercado de trabalho;
- Na segregação nos rendimentos, nos processos de tomada de decisão, na participação cívica e política;
- Nas opções educativas e profissionais;
- Na violência contra as mulheres;
- Na exposição de mulheres ao tráfico e exploração sexual;
- No desigual exercício de responsabilidades familiares;
- No constrangimento no exercício de uma paternidade ativa;
- Na maior taxa de insucesso e abandono escolares nos rapazes;
- No acesso à saúde e à justiça;

No seguimento da discussão dos conceitos sexo e género, Joel e Vikhanski (2020), lançam-nos a seguinte questão: Fará sentido continuar a utilizar as diferenças entre sexos para justificar as desigualdades de género? Porque se atualmente não é aceitável utilizar comparações biológicas entre raças ou classes sociais para justificar o racismo ou a condição económica das populações mais carenciadas, também já não deveria ser aceitável invocar as diferenças entre sexos no cérebro para validar alguns dos estereótipos criados em torno do género.

Segundo as autoras, as diferenças na estrutura e no funcionamento cerebral de recém-nascidos do sexo feminino e masculino são quase impercetíveis, começando estas diferenças a surgir apenas numa fase posterior da vida. Ao assumirem que o sexo afeta o cérebro, Joel e Vikhanski (2020) alertam simultaneamente para o facto de não existirem cérebros unicamente masculinos e femininos.

As interações entre o sexo e tantos outros fatores, como as condições de vida, a educação, a exposição a drogas e outras influências externas, como o stress por exemplo, levam a que os efeitos de se ser do sexo feminino ou masculino se misturem de um modo ímpar no cérebro de cada pessoa. As características que são mais comuns nas mulheres não se somam apenas nos cérebros das mulheres, nem as características mais comuns nos homens se somam sempre no cérebro dos homens.

Assim, não podemos catalogar o cérebro humano como feminino ou masculino, mas sim como um mosaico único de características, algumas mais comuns nas mulheres, outras mais

comuns nos homens (Joel & Vikhanski, 2020). Este mosaico vai-se alterando ao longo da nossa vida, fruto do nosso crescimento pessoal, das nossas aprendizagens e das nossas vivências.

Joel & Vikhanski (2020) sublinham assim que o sexo é apenas um termo para descrever uma das nossas características físicas, como a altura, o peso, a idade ou a cor dos olhos, não nos indicando nada sobre os gostos ou características pessoais de cada pessoa.

## Agenda 2030 Para O Desenvolvimento Sustentável

A Organização das Nações Unidas (ONU), em cooperação com governos e cidadãos de todo o mundo, definiu 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) com vista à erradicação da pobreza e ao desenvolvimento económico, social e ambiental à escala global até 2030, conhecida como Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Sendo o seu lema “Ninguém fica para trás”, a Agenda 2030, através do ODS 5, Igualdade de Género, visa igualmente promover a igualdade de género, objetivando:

1. Acabar com todas as formas de discriminação contra mulheres e raparigas;
2. Eliminar todas as formas de violência contra mulheres e raparigas;
3. Erradicar casamentos precoces, forçados e que envolva crianças; mutilações genitais femininas;
4. Reconhecer e valorizar o trabalho de assistência e doméstico não remunerado;
5. Promover a partilha de responsabilidades domésticas e familiares entre mulheres e homens;
6. Garantir a igualdade de oportunidades na liderança em todos os níveis de tomada de decisão;
7. Assegurar o acesso universal à saúde universal e reprodutiva;
8. Realizar reformas para dar às mulheres direitos iguais aos recursos económicos;
9. Aumentar o uso das TIC para promover o empoderamento das mulheres;

Para além do ODS 5, e segundo dados acessíveis na página de internet da Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres (PpDM), existem metas sensíveis ao género em quase todos os outros ODS, o que sublinha mais uma vez a transversalidade e relevância desta problemática:

- ODS 1 - Erradicar a pobreza;
- ODS 2 - Erradicar a fome;
- ODS 3 - Saúde de qualidade e bem-estar;
- ODS 4 - Educação de qualidade;
- ODS 6 - Água potável e saneamento;



- ODS 8 - Trabalho digno e crescimento económico;
- ODS 10 - Reduzir as desigualdades;
- ODS 11 - Cidades e comunidades sustentáveis;
- ODS 13 - Ação climática; ODS16 paz, justiça e instituições eficazes;
- ODS 17 - Parcerias para a implementação dos objetivos;

## Políticas Europeias Para A Igualdade De Género

Garantir a igualdade entre mulheres e homens é também uma das missões da União Europeia, consagrada na Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia (Artigo 23.º), não apenas por ser considerada um valor fundamental e um princípio-chave do Pilar Europeu dos Direitos Sociais, mas também por ser promotora de crescimento económico, prosperidade e competitividade (Conselho da União Europeia, 2011). Permitindo que nas empresas, na política e na vida geral, se mobilizem todos os recursos, talentos e diversidades, independentemente do género, a igualdade entre mulheres e homens potencia assim a criação de mais emprego e, conseqüentemente, o aumento da produtividade (Comissão Europeia, 2020). Nesta linha, o Conselho da União Europeia, no Pacto Europeu para a Igualdade entre Homens e Mulheres 2011-2020, aconselhou os Estados-Membros a adotarem medidas com vista à garantia da igualdade de género, designando diretrizes como:

1. Promover o emprego das mulheres de todas as faixas etárias e pôr termo às disparidades entre mulheres e homens no emprego;
2. Promover a igualdade entre mulheres e homens ao nível da educação e da formação, bem como na vida profissional, a fim de reduzir a segregação sexista no mercado de trabalho;
3. Assegurar a igualdade na remuneração por trabalho igual ou por trabalho de valor igual;
4. Promover o envolvimento das mulheres no processo de tomada de decisão, na vida política e económica e desenvolver o seu espírito empresarial;
5. Incentivar os parceiros sociais e as empresas a desenvolver e a aplicar iniciativas promotoras da igualdade de género;
6. Promover modalidades de trabalho flexíveis e diversas formas de licença tanto para as mulheres como para os homens;
7. Reforçar a prevenção da violência contra as mulheres e a proteção das vítimas e das potenciais vítimas;
8. Destacar o papel e a responsabilidade dos homens e dos rapazes no processo de erradicação da violência contra as mulheres;

A UE continuou, ao longo dos anos a reforçar a importância de impulsionar os Estados-Membros a adotarem medidas que combatam desigualdades entre mulheres e homens. No seguimento do trabalho já desenvolvido, a Comissão Europeia apresentou assim a Estratégia para a Igualdade de Género 2020-2025, com o objetivo de (...) construir uma Europa em que a igualdade de género seja concretizada até 2025 e em que a violência de género, a discriminação sexual e a desigualdade estrutural entre mulheres e homens sejam uma coisa do passado (...) em que mulheres e homens, raparigas e rapazes (...), sejam iguais e livres (...), tenham as mesmas oportunidades de realizarem o seu potencial e possam participar na nossa sociedade europeia e dirigi-la, em igualdade de circunstâncias.” (Comissão Europeia, 2020). Através desta Estratégia, a UE propõe-se a abordar a igualdade de género e a capacitação das mulheres em todo o mundo, combatendo os estereótipos de género, a violência contra as mulheres e financiando medidas para realizar progressos em matéria de igualdade de género. Neste sentido, aconselha os Estados-Membros a:

1. Aplicarem legislação da UE pertinente na proteção das vítimas de violência de género;
2. Recolherem e comunicarem, de forma sistemática, dados sobre a violência de género;
3. Apoiarem a sociedade civil e os serviços públicos na prevenção e no combate à violência e estereótipos de género;
4. Aplicarem corretamente a legislação laboral e em matéria de igualdade de género da UE;
5. Darem seguimento às políticas de combate à disparidade salarial entre homens e mulheres;
6. Assegurarem investimentos adequados nos serviços de educação e acolhimento na primeira infância e nos serviços de cuidados continuados;
7. Aplicarem a Declaração Ministerial de Compromisso sobre as mulheres no domínio digital;
8. Transporem e aplicarem a diretiva relativa à melhoria do equilíbrio entre homens e mulheres nos conselhos de administração das empresas, assim que for adotada;

### Realidade Portuguesa – Políticas E Estratégias

Segundo a Constituição da República Portuguesa de 1976, é tarefa fundamental do Estado promover a igualdade entre homens e mulheres (Artigo 9.º), uma vez que “todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei” (Artigo 13.º). Assim, a Constituição prevê não só, a igualdade de oportunidades de trabalho, para que o acesso a quaisquer cargos, trabalho ou categorias profissionais não seja limitado em função do sexo (Artigo 58.º), mas também a igualdade no exercício dos direitos cívicos e políticos e a não

discriminação em função do sexo no acesso a cargos políticos (Artigo 109.º). É também contemplado o direito à constituição de família, com especial atenção às mulheres durante a gravidez e o período após o parto, tendo as trabalhadoras direito a dispensa do trabalho por período adequado, sem perda da retribuição ou de quaisquer regalias (Artigo 68.º). No que diz respeito à educação, também a Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986 pressupõe a “igualdade de oportunidade para ambos os sexos, nomeadamente através das práticas de coeducação e da orientação escolar e profissional, e sensibilizar, para o efeito, o conjunto dos intervenientes no processo educativo” (Artigo 3.º).

Todavia, e apesar de todas as normas legisladas, o problema da igualdade de género permanece atual, tendo por isso Portugal, em 2018, e no seguimento de todas as alertas e recomendações a nível internacional, delineado um conjunto de medidas a adotar, contempladas na Estratégia Nacional para a Igualdade e Não Discriminação (ENIND) até 2030. Assim, a ENIND tem como propósito combater a discriminação em razão da orientação sexual, identidade de género e características sexuais, garantir a participação plena e igualitária na esfera pública e política, promover o desenvolvimento científico e tecnológico igualitário e eliminar todas as formas de violência contra as mulheres, seguindo três planos de ação:

1. Para a igualdade entre mulheres e homens (IMH):
  - Garantir uma governança que integre a IMH nas políticas e nas ações;
  - Garantir as condições para uma participação plena e igualitária de mulheres e homens no mercado de trabalho;
  - Garantir uma educação livre de estereótipos de género;
  - Garantir a IMH no ensino superior e no desenvolvimento científico e tecnológico;
  - Promover a dimensão da IMH na área da saúde;
  - Promover uma comunicação social livre de estereótipos sexistas e promotoras da IMH;
  - Integrar a perspetiva da IMH no combate à pobreza e exclusão social;
2. Para prevenção e combate à violência contra as mulheres e violência doméstica (VMVD):
  - Erradicar a tolerância social às várias manifestações da VMVD, promover uma cultura de não violência, de direitos humanos, de igualdade e não discriminação;
  - Intervir junto das pessoas agressoras, promovendo uma cultura de responsabilização;
  - Qualificar profissionais e serviços para a intervenção;
  - Investigar, monitorizar e avaliar as políticas públicas;

- Prevenir e combater as práticas tradicionais nefastas, nomeadamente a MGF e os casamentos infantis, precoces e forçados;
3. Para combate à discriminação em razão da orientação sexual, identidade de género e características sexuais (OIC):
- Promover o conhecimento da situação real sobre as necessidades das pessoas LGBTI;
  - Combater a discriminação em razão da OIC no mercado de trabalho;
  - Prevenir e combater todas as formas de violência contra as pessoas LGBTI na vida pública e privada;

### Dados Relativos À (Des)Igualdade De Género

Todavia, e apesar da legislação aprovada para promover o respeito pelo princípio da igualdade entre mulheres e homens, os dados continuam a demonstrar que os progressos são lentos e que a igualdade de género, plena e efetiva, ainda está longe de ser alcançada. No índice de Igualdade de Género de 2019, os Estados-Membros da União Europeia obtiveram uma pontuação média de 67,4 numa escala de 1 a 100, em que 1 representa total desigualdade de género e 100 igualdade total, melhorando apenas 5,4 pontos desde 2005. Estas pontuações têm por base as diferenças entre mulheres e homens, avaliadas em seis domínios principais: trabalho, dinheiro, conhecimento, tempo, poder e saúde.

O mesmo índice coloca Portugal na 16.ª posição com 59,9 pontos, ou seja, 7,5 pontos abaixo da média europeia. No entanto, Portugal tem conseguido uma maior evolução comparativamente aos outros Estados-Membros, melhorando a sua posição em 7 lugares desde 2005. Apesar dos visíveis avanços na garantia da igualdade de género, Portugal fica ainda aquém nos domínios do poder, do tempo e da saúde, apesar de apresentar, nesta última, resultados um pouco mais favoráveis (84,5 pontos).

### Género e educação

Em Portugal, em 2018, a taxa de abandono precoce de educação e formação, considerando a população entre os 18 e 24 anos que não completou o ensino secundário, foi de 9% para as raparigas e 15% para os rapazes, sendo esta disparidade ainda mais visível no caso de rapazes provenientes de meios sociais desfavorecidos, se comparados com raparigas dos mesmos meios ou até com rapazes com melhores condições socioeconómicas (Cunha, Rodrigues, Correia & Atalaia, s/d). Também na União Europeia este fenómeno é reconhecível, existindo mais mulheres do que homens jovens matriculados e a concluírem o ensino superior (Torres et al., 2018).

A imagem da boa aluna é, em grande parte dos casos, diferente, em termos de disciplina e desempenho social, da imagem do bom aluno. Dados do PISA (2015) demonstram que os rapazes de 15 anos de idade, em comparação com raparigas da mesma idade, têm maioritariamente, um menor desempenho escolar, sendo que as raparigas, em média, dedicam uma hora a mais por semana aos estudos do que os rapazes. No que diz respeito ao comportamento indisciplinado, é frequente que este seja mais tolerado nos rapazes e que às raparigas seja atribuída a tarefa de ajudar a/o docente nas tarefas do quotidiano ou a manter a ordem.

Mesmo ao nível das disciplinas, são criadas expectativas no que diz respeito ao aproveitamento escolar, com base no género, não só na escola, mas também muitas vezes em casa, por parte dos encarregados de educação. No caso do desporto por exemplo, é expectável que o aluno tenha melhor aproveitamento que a aluna.

No que diz respeito à leitura, os resultados do PISA (2018) revelam grandes diferenças de género, em favor das raparigas, tendo obtido acima dos rapazes uma pontuação em média de 30 no conjunto de países da OCDE e de 24 em Portugal.

No que toca às ciências e à matemática, os resultados do PISA (2018) mostram que os rapazes alcançaram melhores desempenhos face às raparigas, embora a diferença não seja significativa (494 pontos vs. 489 pontos e 497 vs. 488, respetivamente).

Este facto pode estar associado ao estereótipo de género criado até mesmo no seio familiar, uma vez que as próprias famílias tendem a esperar que os rapazes, em vez de raparigas, trabalhem nas áreas das ciências, tecnologia, engenharia ou matemática. Por seu lado, estas expectativas podem acabar por recair sobre as/os decisões das/os próprias/os alunas/os, condicionado as suas opções académicas e profissionais.

Estes resultados estão também relacionados com o nível de autoconfiança que as raparigas revelam nas suas capacidades de resolução de problemas matemáticos. Segundo os dados do programa de avaliação externa de 2015, apesar de se sentirem mais confortáveis aquando da resolução de problemas que são trabalhados rotineiramente nas aulas, quando são desafiadas a pensar como “cientistas”, as raparigas têm um desempenho consideravelmente inferior, comparativamente aos rapazes. Todavia, quando as raparigas e os rapazes têm igualmente confiança nas suas capacidades, a diferença de género no desempenho em matemática diminui consideravelmente, por apresentarem uma maior predisposição para se envolverem em processos de tentativa e erro, fundamentais para a aquisição de conhecimentos em matemática e ciências.

Estes dados não podem, nem devem ser descurados, pois são indicadores de como as disparidades de género têm também repercussões no aproveitamento escolar das/os alunas/os,

o que inevitavelmente irá influenciar a sua trajetória de vida. Assim, garantir igualdade de oportunidades no acesso educação é basilar, mas é por si só insuficiente para impedir a reprodução destas desigualdades. É necessário desenvolver um trabalho mais diligente junto dos rapazes, detetando, tão precocemente quanto possível, sinais de desinteresse, inadaptação ou desinvestimento escolares, com o propósito de desenvolver estratégias de prevenção e atuação. No caso das raparigas, e apesar de, segundo os dados do PISA (2018), a disparidade entre os seus resultados e os dos rapazes, no que concerne a avaliação da matemática, ter vindo a diminuir em Portugal, desde 2003, esta temática deve ser trabalhada.

Parece, evidente a necessidade de combater ideias estereotipadas que possam estar associadas ao percurso profissional ideal para uma mulher, estimulando-as por exemplo à exploração das áreas das tecnologias, da matemática e das ciências. Uma escolarização longa, bem-sucedida e, essencialmente, promotora da igualdade, permite adquirir não apenas conhecimentos, mas também competências sociais, imprescindíveis no exercício pleno de cidadania justa e responsável e essenciais ao combate à desigualdade de género.

### **Género e mercado de trabalho**

No que diz respeito ao domínio do trabalho, Portugal tem mostrado avanços positivos, sendo a sua pontuação de 72,5 (mais 1,9 pontos desde 2005). Todavia, em 2020, apenas 67 % das mulheres na UE têm emprego, em comparação com 78 % dos homens. Sendo um dos objetivos da Estratégia “Europa 2020”, alcançar 75 % de taxa de emprego das mulheres e dos homens com idades compreendidas entre os 20 e os 64 anos. Para tal, torna-se imprescindível a implementação, avaliação e seguimento de políticas de emprego que combatam os obstáculos à participação das mulheres no mercado de trabalho e que promovam a igualdade entre mulheres e homens, e o equilíbrio entre a vida profissional e vida pessoal.

Também no que diz respeito aos diferentes setores de atividade, os dados continuam a revelar profundas desigualdades de género, uma vez que apenas 9% das mulheres desempenham a sua atividade profissional nas áreas da ciência, tecnologia, engenharia e matemática, contra 31% dos homens. A percentagem de homens que trabalha no setor digital é 3.1 vezes superior à das mulheres e a somente 22% dos programadores de inteligência artificial são mulheres. Também nas áreas da educação, saúde e serviço social, as mulheres continuam a ter uma maior representatividade, em comparação aos homens (29% contra 7%, respetivamente). Na área da construção civil e da agricultura, silvicultura, pescas e transportes também se registam disparidades, tendo as mulheres uma representação de apenas 10% e 25%, respetivamente.

Estes dados estão estreitamente relacionados com os dados relativos à igualdade de género no domínio da educação e do conhecimento. Entre os estudantes com melhores

resultados a matemática ou ciências nos países da OCDE, apenas 1 em cada 6 raparigas pensa seguir a carreira de engenheira ou cientista, contra 1 em cada 4 rapazes. Já no que diz respeito à carreira como profissional de saúde, 1 em cada 3 raparigas pensa em seguir por essa via, contra 1 em cada 8 rapazes. Em Portugal, apesar da pontuação ter aumentado 6,5 pontos desde 2005, atingindo em 2019 o valor de 55,1, a concentração desigual de estudantes nas áreas da educação, saúde e bem-estar, humanidades e artes, continua a ser também um desafio, com cerca de 40% estudantes mulheres contra apenas 18% homens.

A pontuação de Portugal ao nível salarial, é 72,1, revelando assim, um progresso de 3,3 pontos face a 2005, com melhorias nas situações económicas e financeiras tanto das mulheres como dos homens. Todavia, continua a ser evidente a disparidade salarial, ganhando as mulheres, em média, menos 16% por hora do que os homens. Analisando os dados com base no nível de escolaridade e no local de nascimento e comparando os casais com e sem filhos, em todos os casos, as mulheres ganham menos em comparação aos homens. Este tipo de desigualdade salarial, em Portugal, tende a aumentar com a idade, sendo a situação agravada na fase tardia da vida ativa (Torres et al., 2018). Também no que toca a pensões, em média, as das mulheres são 30,1 % inferiores às dos homens.

### **Género e poder**

No que respeita ao domínio do poder, apesar de um aumento de 24,5 pontos em relação ao 2005, Portugal consegue em 2019 apenas 46,7. Em consequência da política de cotas adotada, a participação das mulheres no Parlamento aumentou de 24% em 2005 para 36% em 2018, bem como o número de mulheres ministras, que passou de 14% para 35% no mesmo período. A sua taxa de representatividade nos conselhos de administração das maiores empresas listadas em bolsa triplicou, passando de 6% em 2005 para 19% em 2018). Todavia, estas melhorias ficam ainda aquém do desejado, principalmente no que diz respeito aos cargos de topo, uma vez que dados de 2020 indicam que apenas 7,5 % dos presidentes dos conselhos de administração e 7,7 % dos diretores executivos são mulheres.

### **Género e condições de vida**

Em relação ao tempo, Portugal encontra-se na quarta posição mais baixa da União Europeia, com apenas 47,5 pontos, sendo por isso um dos países da EU onde as mulheres trabalhadoras são mais sobrecarregadas com tarefas domésticas não remuneradas (Torres et al., 2018).

Em 2020, em Portugal, 75 % das tarefas domésticas e dos cuidados não remunerados são efetuados por mulheres. Como consequência, estas participam menos em atividades

desportivas, culturais ou de lazer e apostam menos na sua aprendizagem ao longo da vida, caracterizada por ser um forte catalisador para a igualdade de género, no sentido em que permite, tanto a mulheres como a homens, o acesso a um maior leque de opções profissionais e a mais oportunidades de atingirem o seu potencial.

Há assim condições que podem ajudar a minimizar esta questão, permitindo uma maior conciliação entre a vida pessoal e profissional, e que devem ser salvaguardadas, nomeadamente a possibilidade de ter flexibilidade horária, oportunidade de transição entre trabalho a tempo parcial e a tempo inteiro, ou poder exercer teletrabalho. Em Portugal estas possibilidades estão ainda fora do alcance da maioria dos trabalhadores, estando 71% das mulheres impossibilitadas de alterar o seu horário de trabalho em comparação a 60% dos homens.

Garantir o acesso a uma boa rede de transportes e infraestruturas, por exemplo, é igualmente fundamental para que as pessoas consigam manter o equilíbrio entre os seus deveres de cuidadoras/es e as suas responsabilidades profissionais, principalmente para as mulheres, por estarem mais envolvidas (75% em 2020) do que os homens nos cuidados informais.

No que respeita ao risco de pobreza, segundo Torres et al. (2018), este é, em todos os países da União Europeia, mais elevado nas mulheres do que nos homens, independentemente das suas idades (25,2% contra 23,6%). Em Portugal, a percentagem de mulheres em risco de pobreza situa-se nos 26,6% enquanto a dos homens ronda os 25% (Torres et al., 2018).

### **Género e saúde**

A pontuação de Portugal no domínio da saúde é 84,5, não tendo sofrido alterações significativas desde 2005, apesar da perceção sobre cuidados de saúde de qualidade ter aumentado para mulheres (de 41% para 44%) e homens (de 51% para 54%), no período entre 2005 e 2017. No que diz respeito à esperança de vida, as mulheres portuguesas vivem em média mais seis anos que os homens (84 anos em comparação a 78 anos).

### **Género e violência**

A violência contra as mulheres é causa e consequência das persistentes desigualdades de género em todas estas áreas acima descritas. Segundo dados da União Europeia (2020), 33% das mulheres na União Europeia já foram vítimas de violência física e/ou sexual, 22% vítimas de violência familiar e 55 % vítimas de assédio sexual. Por ser ainda um dos grandes flagelos da nossa sociedade, a violência contra as mulheres, profundamente enraizada na desigualdade de género e que engloba a mutilação genital feminina, o aborto forçado e a esterilização forçada, o casamento precoce e forçado, os denominados «crimes de honra» e outras práticas nocivas, é uma das principais preocupações a nível europeu. Neste sentido, a Comissão Europeia (2020)



assume o compromisso de libertar as mulheres e as raparigas da violência e do assédio com base no género, a apoiar e proteger as vítimas de tais crimes e a responsabilizar os autores pelo seu comportamento abusivo.

Um outro dado relevante prende-se com o facto da esmagadora maioria da população prisional ser do sexo masculino, independentemente da natureza dos crimes, em todos os países da União Europeia (Torres et al., 2018).

## PARTE III

### O NOSSO PAPEL NA PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE GÉNERO

Apesar de todos os esforços legislativos quer a nível internacional, quer a nível nacional, estamos longe de viver numa sociedade promotora de igualdade de género, sendo por isso importante continuar a impulsionar o debate e a reflexão, em todos os domínios da nossa vida, mas sobretudo junto das crianças e jovens. Para alcançarmos um amanhã sem desigualdades é fundamental trabalhar para e com as gerações futuras, sensibilizando-as para a problemática e rompendo com paradigmas de género.

O conceito de género abre portas para a desconstrução de um conjunto de atribuições e expectativas sociais relativas ao sexo feminino e masculino, sendo por isso fulcral aprender a valorizar as diferenças existentes em cada mulher e em cada homem, não encarando o género como um meio para categorizar e qualificar atitudes, comportamentos, gostos e aptidões.

Nas orientações descritas no documento produzido pelo Fórum Educação para a Cidadania 31 (2008, cit por Cardona et al., 2015), estão presentes exemplos de competências essenciais a desenvolver nas/os jovens para que estes vivam, tanto quanto possível, à margem de estereótipos e limitações de género, sendo esses:

- Aceitar a sua própria identidade, as características, possibilidades e limitações do próprio corpo;
- Valorizar as experiências pessoais como construção da identidade;
- Desenvolver a autoestima, a responsabilidade, o respeito por si e pelas outras pessoas;
- Ter autonomia para o cuidado individual e para as tarefas inerentes à vida familiar;
- Ter autonomia para o exercício de uma profissão e capacidade de adaptação aos riscos de possíveis conjunturas económicas;
- Saber comunicar no respeito pela igual liberdade e pela igual dignidade de todas as pessoas, tendo em conta a pluralidade de pertenças individuais;
- Saber comunicar de igual para igual com mulheres e homens;
- Saber reconhecer as injustiças e desigualdades e interessar-se ativamente pela procura e prática de formas de vida mais justas;
- Adquirir critérios de valor relacionados com a coerência, a solidariedade e o compromisso pessoal e social, dentro e fora da escola;
- Saber viver em paz, igualdade, justiça e solidariedade, e promover estes valores;

Assim, e para que tal seja possível, a escola e as/os docentes desempenham um papel crucial no que diz respeito à aprendizagem para a cidadania, devendo unir esforços com as famílias.

## O Papel Da Escola

A escola, quer pelo ambiente que promove, quer pelos processos educativos nela inerentes, pode tendencialmente, na inexistência de um cuidado e planeamento prévios, reproduzir comportamentos sociais que não respeitem as diferenças individuais de cada aluna/o, e conseqüentemente, os limites na sua progressão e aprendizagem, contribuindo para uma formação que repete preconceitos e desigualdades. Neste sentido, é fundamental ter noção dos comportamentos e ações adotadas, mesmo dos que fazemos por rotina e de forma não refletida. A definição de estratégias que promovam a igualdade de género e a igualdade de oportunidades para que estigmas e fatores limitadores sejam amplamente diminuídos é nesse sentido essencial. Neste processo, torna-se imperativo envolver a comunidade educativa no seu pleno, não abarcando a responsabilidade apenas às/aos docentes, mas envolvendo as/os alunas/os, encarregadas/os de educação e restante comunidade educativa. Só assim será possível garantir uma profunda reflexão sobre a temática e promover um modelo educativo potenciador de uma melhor escola pública.

Neste sentido, e assumindo que lidar com as diferenças sem as transformar em desigualdades é sem dúvida um dos grandes desafios da escola (Cardona et al., 2015), a educação para a cidadania revela-se essencial para fomentar a integração e a aceitação da diversidade, promovendo uma maior igualdade de oportunidades e participação, independentemente da etnia, da condição socioeconómica, da religião ou do género.

Para além de ter como missão garantir a promoção de uma educação efetiva para a cidadania, as escolas veem-se confrontadas com a crescente diversidade de contextos sociofamiliares, cada vez mais complexos, o que impõe alguma reflexão sobre como abordar as famílias e as crianças sobre esta diversidade. Para tal, as escolas devem apostar no diálogo aberto com as crianças, procurando dar resposta às questões que vão surgindo de modo a ultrapassar as diferenças de forma positiva e estimulante e a promover assim a riqueza da diversidade (Cardona, et al., 2015). As escolas também devem trabalhar no sentido de manter o contacto com as famílias, enfatizando o papel negativo dos estereótipos de género, e ajudando-as a encontrarem alternativas de atuação mais condizentes com os valores da igualdade, da partilha e do respeito mútuo (Cardona et al., 2015). Neste sentido, as escolas podem apostar em iniciativas que ajudem a promover a igualdade de género:

- As escolas devem questionar-se se na sua comunidade educativa fará sentido continuar a festejar o Dia da Mãe e o Dia do Pai, como tradicionalmente o conhecemos. Como alternativa, podem adaptar estes festejos e celebrarem o Dia da Família, incluindo assim a realidade e contexto familiar de todas as crianças;

- As escolas podem também apostar em tertúlias em família ou outras atividades que promovam a comunicação entre casa-escola. No combate às desigualdades de género, é importante o trabalho conjunto, remando a escola, as/os docentes e as famílias na mesma direção, com um discurso coerente e integrador.
- Podem igualmente promover espaços escolares que integram a diversidade de forma positiva e sem vincularem estereótipos de género. As escolas devem por isso evitar, por exemplo, a exposição de imagens estereotipadas, apostando em materiais em que ambos os géneros desempenham os mesmos papéis, a nível pessoal e profissional.
- As escolas devem também evitar uma organização dos espaços e dos materiais com base no género, como por exemplo dividir os livros nas bibliotecas por secções para raparigas e para rapazes.
- Devem também ser promovidas atividades que proporcionem oportunidades iguais a raparigas e rapazes no espaço escolar, como o caso de atividades desportivas, socialmente assumidas como de interesse quase exclusivo dos rapazes.
- As escolas podem também procurar envolver-se em projetos que promovam a igualdade de género. Um exemplo é o Projeto *Engenheiras por um dia* (<https://www.cig.gov.pt/acoes-no-terreno/projetos/engenheiras-um-dia/>), coordenado pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género e pelo Instituto Superior Técnico, e que tem como objetivo prevenir o agravamento das disparidades entre mulheres e homens no mercado de trabalho, incentivando as alunas do ensino não superior a optarem por uma carreira na área das engenharias e das tecnologias.

### O Papel Das/os Docentes

A questão da igualdade de oportunidades entre raparigas e rapazes deve ser encarada como uma prioridade para a mudança, cabendo às/aos docentes também e por isso, desempenhar um papel de intervenção neste processo (Barata et al., 1999).

Abordar as questões de género pode revelar-se uma tarefa sensível para as/os docentes no sentido em que implica muitas vezes o confronto com padrões culturais profundamente enraizados. Todavia, Cardona et al. (2015), lembra que os conflitos inerentes a esta questão são naturais e a sua resolução essencial ao desenvolvimento e à aprendizagem das crianças, podendo as/os docentes partir destas questões para repensarem as suas práticas:

- As minhas práticas educativas estão orientadas para as questões de género?

- O modo como organizo as turmas, seleciono os livros, os jogos e outros materiais didáticos, proporcionam momentos de aprendizagem desvinculadas das ideias estereotipadas de género?
- Adoto uma linguagem inclusiva dentro e fora da sala de aula?
- Como avalio a igualdade de género dentro da minha sala de aula?
- As minhas alunas e os meus alunos brincam juntas/os em brincadeiras ou jogos não estereotipados?
- Como caracterizo uma boa aluna e um bom aluno ou uma má aluna e um mau aluno?
- Na prática como caracterizo bons e maus exemplos de comportamentos que habitualmente atribuo a raparigas e rapazes?

É importante sublinhar que não existe uma solução única e infalível para o desenvolvimento de práticas educativas inclusivas que fomentem a igualdade de género, de oportunidades e a participação de todas/os. Todavia, as crianças necessitam primeiro de reconhecer a existência de desigualdades de género para conseguir combatê-las, desenvolvendo-se e construindo a sua identidade livre de estereótipos ou preconceitos, contribuindo assim para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa. Neste sentido, é fulcral que as/os docentes apostem na escuta ativa e que estimulem e orientem o debate sobre estas questões. Adotar uma postura interventiva sobre as questões de género, questionando e confrontando as crianças com diferentes perspetivas, beneficia o seu desenvolvimento, fomenta o seu sentido crítico e impulsiona a construção de um futuro desprendido de estereótipos.

### **Dinâmicas em sala de aula**

A organização das atividades em sala de aula, bem como a escolha dos materiais, sejam livros, jogos ou manuais escolares, requerem uma atenção especial por parte da/o docente, não só por serem um suporte importante às práticas educativas, mas também porque, em muitos casos, enaltecem diferenciações nos papéis atribuídos ao sexo masculino e ao sexo feminino. Mesmo admitindo que nem sempre é possível suprimir a existência de materiais estereotipados, as/os docentes podem aproveitá-los para promover o diálogo e, em conjunto com as crianças, procurarem soluções alternativas.

Também no que se refere aos comportamentos que são expectáveis por parte de alunas e de alunos, é importante que a/o docente questione de que modo os seus próprios estereótipos condicionam as suas práticas e as perceções que tem em relação às suas alunas e aos seus alunos. Ser mais tolerante face a um comportamento indisciplinado dos alunos e ser mais exigente com o cumprimento das regras por parte das alunas, para além de perpetuar desigualdades, prejudica

a integração escolar de todas/os, mas principalmente dos alunos. O facto dos atributos socialmente associados à masculinidade, como a rebeldia, agressividade, competição, não se coadunarem com o ideal de bom aluno, implica um maior esforço de adaptação por parte dos rapazes e cria um distanciamento identitário face à escola e ao saber escolar que os empurra para o insucesso e o abandono precoce (Cunha, Rodrigues, Correia & Atalaia, s/d).

A questão da linguagem adotada quer por alunas/os quer por docentes, seja verbal ou não verbal, assume também uma grande importância no que diz respeito ao combate às desigualdades de género, devendo por isso ser questionadas e criticadas, sempre que necessário por representar uma manifestação da construção social do pensamento e reflexo das representações e estereótipos das nossas atitudes e crenças (Barata et al., 1999).

Quando a/o docente é confrontada/o com a utilização de uma linguagem sexista por parte das crianças, deve adotar uma postura diligente, para que tais comportamentos não sejam encorajados. Deve também ter algum cuidado na sua própria linguagem e postura, tendo sempre presente que as crianças aprendem pelo exemplo, sendo por isso importante manter a coerência com os ensinamentos transmitidos.

Na prática, a/o docente pode adotar algumas estratégias:

- Escolha e crie materiais que representem diferentes perspetivas e que reforcem a igualdade de género. Nos enunciados de problemas ou exercícios deve ter em conta o equilíbrio numérico entre sexos nas representações das personagens, a apresentação dos dois sexos com forças e fraquezas independentemente do género e no desempenho de diversos papéis e atividades profissionais, em oposição aos tradicionalmente aceites;
- Na presença dos materiais providos de estereótipos de género, converse com as crianças sobre a questão e proponha que, em conjunto, desconstruam e construam a história ou a imagem, ilustrando-as com desenhos ou pequenas peças de teatro, por exemplo. Nesta análise, estejam atentos às características e emoções conotadas ao sexo feminino e masculino, às posições de poder maioritariamente atribuídas a homens, aos interesses e às tarefas associados a raparigas e rapazes, entre outros exemplos que possam surgir;
- Evite organizar o espaço da sala de aula ou separar os materiais em função dos géneros para que as crianças desfrutem de um ambiente escolar inclusivo e que tenham a possibilidade de experimentar diferentes atividades, tarefas e jogos;
- Esteja atenta/o ao modo como as/os alunas/os se organizam na sala de aula, nas atividades em grupo e até no recreio. É importante que os comportamentos condicionados por algum tipo de estereótipo, seja de género, étnico ou social, sejam detetados deste cedo. Conversem sobre o assunto, substituindo uma atitude corretiva

por uma atitude proativa, compreensiva e de promoção de diálogo. É importante estabelecer uma relação de confiança, permitindo assim que as crianças se sintam seguras, num ambiente onde podem partilhar livremente o que sentem e quando fizerem mais sentido elas, sempre pressões nem julgamentos;

- Estimule a criação de grupos compostos por raparigas e rapazes, evidenciando as vantagens da parceria, quer nas tarefas da sala de aula, quer nas brincadeiras nos recreios. Evitar que as/os alunas/os se segreguem em função do seu sexo permite que todos contribuam nas mais diversas tarefas, desconstruindo assim a ideia de que, por exemplo, só os rapazes conseguem desempenhar tarefas que impliquem o uso da força, ficando as raparigas encarregues de tarefas relacionadas com a organização e decoração de espaços;
- Sempre que possível, utilize linguagem neutra, privilegiando a utilização de expressões como “Olá turma!” em vez de “Olá a todos!” ou “O que é que os rapazes pensam sobre este assunto?” e caso tenha uma criança que se identifique com o sexo oposto, respeite a sua vontade, tratando-a como ela prefere;
- Se se sentir mais confortável ao fazê-lo, pode filmar as suas próprias aulas e pedir igualmente a uma/um colega que assista e que lhe dê feedback. Poderá ser uma estratégia eficaz para perceber de que forma as suas práticas favorecem um ambiente de igualdade na sala de aula;

### **Estratégias Pedagógicas**

Tão importante como o reconhecimento de comportamentos estereotipados de género, é a aquisição de competências que ajudem as crianças a reagir, da forma mais adequada possível, ao confronto com os mesmos. E neste sentido, a/o docente desempenha um papel preponderante, devendo ajudá-las a lidar, não só com situações que possam ser desconfortáveis para si, mas também nos momentos em que observam outras crianças a serem discriminadas em função do género. Preparar as crianças para estes confrontos implica um trabalho atento por parte das/os docentes, apostando no diálogo, no debate de ideias, no questionamento, na apresentação de outros contextos e realidades. Para tal, as/os docentes podem utilizar como estratégias pedagógicas (Cardona et al., 2015):

- Discussão: Trabalhar com as/os alunas/os uma questão, um problema ou um caso real relacionado com as desigualdades e estereótipos de género. Esta estratégia, para além de possibilitar a promoção da interdisciplinaridade, no sentido em que a/o docente pode utilizar conteúdos de diferentes disciplinas para a análise e discussão, também permite a

- participação de todas as crianças, tendo espaço para expressarem as suas opiniões e sugestões. Assim, mais do que alcançar consensualidade, é importante que as crianças compreendam que o debate é enriquecido se todas/os participarem, devido à troca de opiniões e a variedade de perspetivas;
- Diálogo: Quer seja pessoal ou em grupo, revela-se essencial na transmissão de valores, atitudes e normas. A/o docente pode utilizar a técnica do diálogo para estimular o pensamento crítico das crianças e a sua aprendizagem, partindo de questões como: Qual é o problema que aqui está envolvido? Qual é o problema que aqui está envolvido? Como é que te sentirias se...? E se fosses tu? Porque devemos respeitar os outros? Seremos todos diferentes? Seremos todos iguais? Haverá características que sejam só de homens? Haverá características que sejam só de mulheres? Podem as mulheres fazer tudo o que os homens fazem? Podem os homens fazer tudo o que as mulheres fazem? Como seria um mundo só com mulheres? Como seria um mundo só com homens? Haverá profissões só para homens? Haverá profissões só para mulheres? Quais as diferenças entre os rapazes e as raparigas? O que se oferece a uma menina quando faz anos? E a um menino? Há brincadeiras só para rapazes e outras só para raparigas?;
  - Role-Playing: Por poder envolver uma simulação, dramatização, duplicação ou inversão de papéis, proporciona, de uma forma divertida e visual, a apresentação de um problema, situação ou acontecimento;
  - Fotopalavra: Trata-se de uma estratégia que incorpora nos processos de ensino e aprendizagem a utilização de fotografias ou imagens simbólicas e expressivas, capazes de suscitar reações que estimulem a reflexão. A/o docente pode assim recorrer a registos fotográficos do quotidiano escolar ou familiar das crianças, imagens de revistas, de publicidade ou retiradas da internet;
  - Técnica do Testemunho: Implica a presença de uma/um convidada/o que partilhe a sua experiência representativa das questões de género (alguém que já tenha sofrido de algum tipo de discriminação de género, uma/um profissional que desempenhe a sua atividade numa área tradicionalmente associado ao género oposto, entre outros exemplos);

## O Papel Da Família

Todas as sociedades definem, em cada cultura, o que significa ser rapariga e rapaz (o que vestem, como se comportam, do que gostam, quais as profissões mais adequadas ao seu género), e espera-se que as crianças e jovens se conformem com esses papéis. Neste sentido, desde muito



cedo que as crianças aprendem sobre atitudes, comportamentos e papéis adequados ao seu género através do processo de socialização.

Entre os 3 e os 6 anos, tendem já a efetuar descrições mais estereotipadas de si e dos outros, do que os próprios adultos, (Diane Ruble e Carol Martin, 1998, cit. por Cardona, et al., 2015) e por volta dos 8 ou 9 anos já são capazes de identificar, na sua cultura, quais as expectativas em relação aos papéis e responsabilidades atribuídas às mulheres e aos homens (Eleanor Maccoby 1998, cit. por Cardona, et al., 2015).

Por todos termos enviesamentos inconscientes relativamente ao género, as próprias famílias podem reforçar comportamentos e pensamentos que reproduzem estereótipos de género. Estes estereótipos podem ser representados de diversas formas:

- Modo como são divididas as tarefas em casa (ex. a filha ajuda na confeção do jantar enquanto o filho leva o lixo para o contentor);
- Expetativas no que diz respeito às atitudes e comportamentos (ex. uma menina é organizada e arrumada);
- Expetativas em relação ao percurso profissional (ex. as meninas enveredarem pela área das línguas ou da saúde e os meninos seguirem uma carreira ligada às engenharias);
- Seleção das atividades extracurriculares em que as crianças são inscritas (ex. ballet no caso das meninas e futebol no caso dos meninos);
- Decoração dos espaços dedicados à criança (ex. quarto da menina em rosa e do menino em azul);
- Aquisição de brinquedos em função do género em detrimento dos gostos pessoais (ex. bonecas para as meninas e carros para os meninos);

Neste sentido, não só a escola, mas também as famílias desempenham um papel fundamental no combate à reprodução de estereótipos e, conseqüentemente, na promoção da igualdade de género. As crianças devem sentir que, junto da sua família, podem expressar-se de maneira livre, segura e afirmarem-se tal como são sem medo de serem criticadas ou rejeitadas. Não tenha, por isso, receio de enfrentar o assunto. Ao abordarmos as questões sobre igualdade de género estamos a preparar as crianças para serem adultas/os mais igualitárias/os e felizes, capazes de desenvolver as potencialidades e os talentos que as suas capacidades permitem, sem vergonha ou constrangimentos.

### **Divisão De Tarefas Domésticas**

Mesmo de modo não intencional, podemos assumir em nossas casas papéis de género muito tradicionais, fruto da educação que recebemos, do processo de socialização que

vivenciámos e das influências a que estamos expostas/os diariamente (apesar dos esforços, os média e a publicidade continuam a ser um perfeito exemplo, ainda nos dias de hoje). Neste sentido, as mulheres, em comparação com os homens, tendem a despender mais tempo na realização de tarefas domésticas, ficando mais sobrecarregadas, o que acarreta, inevitavelmente, consequências a nível profissional e pessoal.

Quebrar esta tendência é fundamental, e para tal a criança, desde tenra idade, deve compreender que é importante para a sua vida e autonomia aprender todo o tipo de tarefas, e que a sua execução em nada está relacionada com o género. Assim evite frases como:

“Tens o quarto tão desarrumado que nem pareces uma menina”;

“Tens de aprender a ser uma boa dona de casa”;

“Uma mulher tem de saber cozinhar”;

“Olha para este quarto, vê-se mesmo que és rapaz”;

Aposte numa abordagem mais equilibrada no momento de divisão de tarefas, por exemplo, desafie o seu filho a ajudar na confeção das refeições e peça à sua filha para ir levar o lixo ao contentor. Evite pedir à sua filha para fazer tarefas que devem ser desempenhadas pelos membros masculinos da família, como por exemplo arrumar a sua roupa ou fazer a sua cama. Se pensarmos em família e cada um desempenhar uma tarefa, estamos a promover um maior equilíbrio familiar e a educar crianças mais resilientes perante estereótipos de género.

### **Expectativas Profissionais**

Algumas mães e alguns pais, fruto de estereótipos sociais de género, revelam ainda expectativas diferentes para o futuro profissional das suas filhas (muito mais ligado às humanidades e saúde) e dos seus filhos (mais ligado às áreas da Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática), mesmo quando apresentam um desempenho escolar semelhante em diversas disciplinas (OCDE, 2015).

Estas expectativas podem contribuir em grande medida para o facto das profissões relacionadas com as áreas das engenharias, tecnologias e ciências continuarem a ter muito pouca representatividade feminina. Seguindo este caminho, e tendo em conta que estas áreas desempenham um papel primordial nas sociedades atuais, pautadas pelas inovações tecnológicas e científicas, as mulheres vão continuar a desempenhar profissões menos valorizadas, e consequentemente, a ficar para trás no mundo laboral.

É, por isso, necessário quebrar as chamadas paredes invisíveis, desmistificando, junto das/os mais novas/os, a ideia de que existem profissões que devem ou podem ser desempenhadas apenas por mulheres ou por homens, e é nesta mudança de paradigma que as famílias devem também desempenhar um papel ativo.

Promova brincadeiras que estimulem, desde cedo, o raciocínio matemático, através, por exemplo, de jogos ou legos. Estas atividades podem ter um forte impacto, principalmente junto das meninas que, por ter brincadeiras muitas vezes associadas a tarefas desempenhadas por mulheres (brincar às mães ou às professoras), se afastam de jogos ou atividades que promovam competências fundamentais nas áreas das ciências e tecnologias.

Estimule também o contacto da criança com exemplos que contradigam os papéis rígidos de género, principalmente do que diz respeito às perceções por ela já criadas. Por exemplo, conversem sobre o que a criança quer ser no futuro e se perceber que só menciona profissões que são socialmente consideradas adequadas ao seu género, pode questioná-la:

- “Porque é que achas que esta profissão é para raparigas ou para rapazes?”
- “Não achas que devíamos poder ser aquilo que realmente queremos sem estar preocupadas/os se é uma profissão para raparigas ou rapazes?”

Exemplifique também casos reais para que a criança compreenda melhor. Mostre exemplos dos seus familiares, da televisão, de desenhos animados que a criança goste de assistir.

### **Brincadeiras**

Ao longo do seu crescimento, a criança vai construindo as suas perceções de género, podendo, a partir de determinado momento, sentir-se inibida de participar em brincadeiras que considerem apenas adequadas ao sexo oposto, o que influenciará, inevitavelmente, o desenvolvimento dos seus interesses, comportamentos e perceções que criam de si e dos outros.

Se a maioria das raparigas brincar com bonecas, uma rapariga que gosta de jogar à bola possivelmente vai evitar demonstrar essa vontade para não ser excluída. Ou se a maior parte dos rapazes brincar com carrinhos, alguns rapazes que gostariam de brincar com bonecas podem evitar fazê-lo para se integrarem no grupo. Não queremos com isto sugerir que deva obrigar a criança a brincar com brinquedos atribuídos ao outro sexo, mas sim que explique que as suas escolhas não devem influenciadas por isso. Seguem alguns exemplos de como pode fazê-lo:

- Dê exemplos de atividades que gostava de fazer na sua infância e que contrariam os estereótipos de género;
- Procure diversificar os materiais e os jogos lúdicos, apostando em recursos como livros e filmes que contem histórias que desafiem os comportamentos estereotipados;
- Conversem sobre estereótipos e que todos os rapazes e todas as raparigas são diferentes;
- Conversem sobre exclusão e de como as pessoas se sentem quando são colocadas de parte;

- Sempre que necessário, afirme frases como “Eu tenho a certeza que quer rapazes quer raparigas podem fazer esta atividade desde que gostem!” ou “Rapazes e raparigas podem gostar e fazer esta brincadeira!”;
- No Carnaval ou no Halloween, se a criança manifestar interesse em mascarar-se de algo que socialmente não se coaduna com o seu género, conversem sobre o assunto e permita que a criança expresse a sua vontade livremente;

### **Sentimentos e comportamentos**

“Um homem não chora”, “tens de ser forte como um homem” ou “tens de te comportar como uma senhora” são frases que certamente já ouvimos ou até dissemos em algum momento, sem nos apercebermos dos valores estereotipados que acarretam e do modo como podem incentivar a que as crianças retraiam os seus sentimentos. Os meninos, ao serem influenciados desde cedo a revelar o seu lado mais “masculino”, aceitando-se inclusive, e em muitos casos, a demonstração de alguma agressividade socialmente aceite e até valorizada, aprendem rapidamente a esconderem os seus receios, medos, fragilidades e emoções. A longo prazo, estes comportamentos podem gerar problemas de comunicação e gestão emocional, afetando o desenvolvimento cognitivo e social da criança. No que diz respeito às meninas, por muitas vezes serem coagidas a reprimirem a sua irritação, no futuro acabarão por restringir a sua segurança, e a ter dificuldade mais tarde em se impor ou a negociar um salário ou uma promoção, por exemplo (Joel & Vikhanski, 2020). Assim, e segundo Joel e Vikhanski (2020), ao colocarmos as crianças em coletes de forças emocionais de género, criamos raparigas sem poder e rapazes sem emoções.

Opte por conversarem em família sobre as emoções, de como todas/os podemos sentir tristeza, medo, desilusão, frustração, quando sentimos e o que podemos fazer nesses momentos. Conversem sobre o facto do choro ser uma reação normal do corpo a determinadas emoções, recorrendo ao auxílio, por exemplo, de personagens de livros ou filmes.

O mesmo se aplica aos comportamentos que são expectáveis por partes das meninas e dos meninos. Acaba por ser mais tolerável que um menino tenha o seu quarto um pouco desarrumado ou os seus cadernos desorganizados, ao contrário das meninas, em que é espectável que tenham uma letra bonita, os livros e cadernos impecáveis e os seus pertences sempre arrumados e organizados. Desafie os seus próprios estereótipos, questionando-se “se a/o minha/meu filha/o fosse uma/um rapariga/rapaz, agiria da mesma forma?”.

### **No fundo, não tenha receio!**

Ao contrário do que se possa pensar, admitir a existência de estereótipos de género e expô-los às crianças é uma boa estratégia, para que estas aprendam a identificá-los e a desenvolver um olhar crítico sobre eles (Joel & Vikhanski, 2020).

Deixar que a criança se comporte como deseja, livre de estereótipos e preconceitos, apesar de aumentar a sua autoestima e segurança, pode fazer com que as mães e os pais se preocupem com a eventualidade de não ser aceite pelos seus pares e conseqüentemente que sofra de *bullying*. Se tal acontecer, converse em família e apoie a criança. Infelizmente não podemos evitar todas as situações de discriminação, mas podemos e devemos fazer com que a criança compreenda como funciona a nossa sociedade e que não há nada de errado com ela. Caso necessite, não hesite em procurar o apoio da escola e dos docentes, sendo que nestas questões é importante garantir que todos trabalham no mesmo sentido, o que promover o desenvolvimento de uma criança livre, resiliente e feliz.

## PARTE IV

### NOTAS FINAIS

Perante os contributos auferidos no decorrer deste Guia, são, de seguida, expostas algumas orientações. O objetivo será é ajudar a reconhecer e refletir acerca das ações passadas e repensar sobre as futuras, na tentativa de compreender o que se poderá fazer melhor, para que assim, se possa projetar um futuro com maior igualdade de género, menos estereótipos e assente em pilares inclusivos e democráticos. Neste sentido...

- Um dos grandes desafios passará pelo confronto connosco próprias/os, com os estereótipos que temos latentes e que de forma involuntária transmitimos para as gerações mais jovens. Neste sentido, e para uma mudança efetiva de mentalidades e comportamento devemos inicialmente **refletir sobre as nossas ações** e reconhecer os erros que cometemos para, posteriormente, trabalhar sobre os mesmos.
- Para existir um trabalho efetivamente conjunto e o mais eficaz possível, é **necessário envolver a comunidade educativa** no seu pleno, não abarcando a responsabilidade apenas às/aos docentes, mas envolvendo as/os alunas/os, encarregadas/os de educação e restante comunidade educativa. Só assim será possível garantir uma profunda reflexão sobre a temática e promover um modelo educativo potenciador mais igualitário.
- Ainda no seguimento do ponto anterior, as escolas devem trabalhar no sentido de **manter o contacto com as famílias**, enfatizando o papel negativo dos estereótipos de género, e ajudando-as a encontrarem alternativas de atuação mais condizentes com os valores da igualdade, da partilha e do respeito mútuo (Cardona et al., 2015).
- **O diálogo aberto, o questionamento** e, conseqüentemente, a responsividade informada e esclarecedora são instrumentos estratégicos para que se possam ultrapassar as diferenças de forma positiva e estimulante e a promover assim a riqueza da diversidade (Cardona, et al., 2015).
- As escolas devem também **evitar uma organização dos espaços e dos materiais com base no género**, como por exemplo dividir os livros nas bibliotecas por secções para raparigas e para rapazes.
- As/Os docentes devem também **evitar organizar o espaço da sala de aula ou separar os materiais em função dos géneros** para que as crianças desfrutem de um ambiente escolar inclusivo e que tenham a possibilidade de experimentar diferentes atividades, tarefas e jogos

- Promover **atividades que proporcionem oportunidades iguais** a raparigas e rapazes no espaço escolar, como o caso de atividades desportivas, socialmente assumidas como de interesse quase exclusivo dos rapazes.
- Adotar uma **postura interventiva sobre as questões de género**, questionando e confrontando as crianças com diferentes perspetivas, beneficia o seu desenvolvimento, fomenta o seu sentido crítico e impulsiona a construção de um futuro desprendido de estereótipos.
- Também no que se refere aos comportamentos que são expectáveis por parte de alunas e de alunos, é importante que a/o docente **questione de que modo os seus próprios estereótipos condicionam as suas práticas e as perceções** que tem em relação às suas alunas e aos seus alunos. Ser mais tolerante face a um comportamento indisciplinado dos alunos e ser mais exigente com o cumprimento das regras por parte das alunas, para além de perpetuar desigualdades, prejudica a integração escolar de todas/os, mas principalmente dos alunos.
- Há que existir uma **atenção ao modo como as/os alunas/os se organizam** na sala de aula, nas atividades em grupo e até no recreio. É importante que os comportamentos condicionados por algum tipo de estereótipo, seja de género, étnico ou social, sejam detetados.
- Estimule a criação de grupos compostos por raparigas e rapazes, evidenciando as vantagens da parceria, quer nas tarefas da sala de aula, quer nas brincadeiras nos recreios. **Evitar que as/os alunas/os se segreguem em função do seu sexo** permite que todos contribuam nas mais diversas tarefas, desconstruindo assim a ideia de que, por exemplo, só os rapazes conseguem desempenhar tarefas que impliquem o uso da força, ficando as raparigas encarregues de tarefas relacionadas com a organização e decoração de espaços;
- A/o docente desempenha um papel preponderante, devendo **ajudar as crianças a lidar**, não só com situações que possam ser desconfortáveis, mas também **nos momentos em que observam outras crianças a serem discriminadas** em função do género. Preparar as crianças para estes confrontos implica um trabalho atento por parte das/os docentes, apostando no diálogo, no debate de ideias, no questionamento, na apresentação de outros contextos e realidades.
- No contexto familiar, e lembrando que, não só a escola, mas também **as famílias desempenham um papel fundamental no combate à reprodução de estereótipos** e, conseqüentemente, na promoção da igualdade de género. O modo como são divididas

as tarefas em casa é fundamental. A criança deve, desde tenra idade, deve compreender que é importante para a sua vida e autonomia aprender todo o tipo de tarefas, e que a sua execução em nada está relacionada com o género.

- É usual que se tenham expectativas em relação ao futuro das/os filhas/os, no entanto surgem, por vezes, enraizadas a essas expectativas noções estereotipadas, nesse sentido, é necessário **quebrar as chamadas paredes invisíveis**, desmistificando dentro do contexto familiar a ideia de que não existem profissões que devem ou podem ser desempenhadas apenas por mulheres ou apenas por homens.
- Na mesma medida que os materiais, os espaços e os recursos podem ser dissipadores de estereótipos na escola, a mesma situação sucede dentro de casa. Neste sentido, deve haver uma reflexão por parte da mãe, do pai e/ou restante família, quando realizam e dispõem os diferentes espaços em casa, **evitando uma decoração estereotipada dos espaços dedicados à criança** (ex. quarto da menina em rosa e do menino em azul), **ou a aquisição de brinquedos em função do género em detrimento dos gostos pessoais** (ex. bonecas para as meninas e carros para os meninos).



## PARTE V

### PROPOSTAS DE ATIVIDADES PARA CONTEXTO ESCOLAR

#### Nota Introdutória

As atividades de seguida apresentadas são apenas alguns exemplos, tendo todas elas o objetivo de alertar para a necessidade do debate e reflexão sobre as questões da igualdade de género.

Assim, é fundamental que a/o docente tenha uma escuta ativa, percebendo se os estereótipos de género estão muito presentes nas/os alunas/os, pois cada turma tem as suas características e particularidades, podendo a/o docente partir de um comportamento, uma frase de alguma/algum aluna/o ou num acontecimento atual para promover o debate.

Os trabalhos de projeto podem também ser uma boa prática para inserir a discussão sobre igualdade de género e trabalhar conteúdos curriculares em simultâneo.

Assumindo a complexidade do tema, e reconhecendo que muitos dos estereótipos e preconceitos estão fortemente enraizados na sociedade, estas atividades não têm como pretensão alcançar uma solução imediata para a questão da desigualdade de género.

Pretende-se sim que a escola, desde cedo, reconheça a necessidade de trabalhar a consciencialização das crianças e jovens para esta problemática, levando-as/os a refletir sobre as perceções de género que já têm formadas, promovendo o respeito e a liberdade de todas/os em prol de uma sociedade mais justa e equilibrada.

### 1.º Ciclo do Ensino Básico

#### Desconstruir Narrativas Estereotipadas

##### Objetivos:

- Identificar estereótipos de género;
- Desconstruir esses estereótipos;

##### Descrição da Atividade:

A partir de um exemplo de uma história em que sejam visíveis estereótipos de género, as/os alunas/os, com a orientação da/o docente, devem identificá-los. A/o docente pode, previamente, dividir a história em pequenas partes (como fizer mais sentido tendo em conta a narrativa), e à medida que vai sendo lida em voz alta por vários elementos da turma, vai sendo analisada, para que, em conjunto, sejam identificados os estereótipos presentes.

Findada esta análise, a turma é dividida em grupos, sendo que a cada um é atribuída uma parte da história para que possam reconstruí-la, mas desta vez sem estereótipos de género.

No final, todos os grupos apresentam a sua versão da parte da história que lhes foi assignada, concluindo-se assim a atividade com uma história diferente, sem estereótipos de género.

Esta nova narrativa pode posteriormente materializar-se numa peça de teatro, num poster ou numa apresentação em PowerPoint, por exemplo.

#### Notas:

A sugestão da divisão da história em pequenas partes justifica-se, naturalmente, se a narrativa for extensa. Caso contrário, todos os grupos podem trabalhar a história na sua totalidade.

O mesmo exercício pode ser feito a partir da análise de imagens (pesquisadas em livros, revistas ou na internet), de um filme ou partes dele, de anúncios de televisão, de uma música, de um episódio de uma série ou de desenhos animados que as crianças gostem, entre outros exemplos.

A complexidade da história deve ser adaptada às idades, podendo, no caso de alunas/os mais velhos, ser um texto referente a factos históricos, uma notícia, entres outros exemplos.

O ideal será as crianças terem acesso a histórias, contos ou narrativas (seja por via de texto ou imagem) livres de estereótipos de género. Contudo nem sempre é possível e é também importante que elas se vão preparando para este confronto e que saibam lidar da melhor forma com essa realidade, pois ao longo da sua vida vão certamente enfrentar inúmeras situações em que os estereótipos de género estão presentes.

Assim, e à medida que vão confrontadas com histórias, imagens ou enunciados de problemas, por exemplo, estereotipadas, a/o docente pode e deve ir alertando a turma para a sua existência.

### **Brincadeiras sem Género**

#### Objetivos:

- Desconstruir estereótipos de género no que diz respeito às brincadeiras;

#### Descrição da atividade:

Cada criança deve expressar duas atividades que gosta de realizar junto das meninas (ou uma menina em concreto) e duas atividades que gosta de realizar junto dos meninos (ou um menino em concreto).

Concluída esta parte, cada criança deve descrever as atividades que selecionou e em conjunto, com a orientação da/o docente, devem refletir como afinal todas as atividades e brincadeiras podem ser realizadas tanto por meninas como por meninos, não devendo por isso existir distinção entre géneros.

#### Notas:

As crianças devem expressar-se como for mais confortável para si. Deixa que cada uma decida se pretende fazê-lo por escrito ou através de uma atividade plástica (desenho ou colagem, por exemplo).

### **Quando for adulto ...**

#### **Objetivos:**

- Identificar as expectativas das/os alunas/os em relação ao seu futuro;
- Estreitar relações entre colegas;
- Compreender se essas expectativas estão condicionadas pelo seu género;
- Desconstruir possíveis constrangimentos por via de estereótipos de género;

#### **Descrição da Atividade:**

Solicitar que cada aluna/o escreva um pequeno texto a descrever como gostaria que fosse a sua vida na fase adulta. Que profissão gostaria de ter, em que cidade gostaria de viver, o que faria nos seus tempos livres, como seria composta a sua família, como seria a sua rotina familiar, entre outros aspetos que as/os alunas/os achem relevantes.

Após a partilha dos trabalhos, a turma deve conversar sobre as diferentes expectativas que têm e como não devem ser condicionadas/os pelo seu género, podendo e devendo construir a vida que quiserem, desde que sejam felizes e respeitem o próximo.

#### **Notas:**

Alunas/os que não dominem totalmente a escrita podem realizar um desenho acompanhado de pequenas frases descritivas.

### **Género e as Profissões**

#### **Objetivos:**

- Identificar estereótipos de género no que diz respeito às profissões;
- Refletir sobre as causas e as consequências desses estereótipos;
- Promover a desconstrução desses estereótipos;

#### **Descrição da Atividade:**

Organizados em pequenos grupos, os alunos terão acesso a uma lista de profissão que deverão categorizar do seguinte modo: “profissões desempenhadas por mulheres”; “profissões desempenhadas por homens” e “profissões desempenhadas por ambos”.

Após terminarem as categorizações cada grupo apresenta à turma as suas conclusões (a/o docente ou um elemento de cada grupo pode ir apontando no quadro ou numa cartolina para o efeito, para que todos tenham acesso visual).

No final, comparam-se as tabelas à luz de questões como: “há alguma profissão que esteja tanto na coluna das mulheres como na dos homens?”; “Quem é que acha que é uma profissão só para homens?”; “Quem é que acha que é uma profissão só para mulheres?” “Porquê?”; “Haverá mesmo profissões só para mulheres e só para homens?”.

À medida que a discussão avança, e caso as/os alunas/os alterem as suas convicções, as profissões podem ser movidas de colunas. O objetivo é ir desconstruindo, em conjunto e com o auxílio da/o docente, os preconceitos de género relativamente às profissões, devendo, idealmente, no final da atividade, todas as profissões estar na coluna “profissões desempenhadas por ambos”.

Caso algumas profissões persistam nas colunas “profissões desempenhadas por mulheres” e “profissões desempenhadas por homens”, a/o docente pode solicitar a cada grupo que pesquise um exemplo real que contradiga essa categorização e que o apresente à turma.

#### Notas:

A mesma atividade pode ser realizada, com características, comportamentos e emoções associadas a mulheres e a homens (sensibilidade, força, vaidade, raiva, organização, responsabilidade, entre outros). A profundidade da reflexão deve ser adaptada às idades. Para alunos mais velhos a reflexão pode estender-se até questões a nível macro como, por exemplo, “que impacto estes preconceitos podem ter na sociedade atualmente?” ou “que consequências negativas daí advêm?”.

### Jornalista por um dia

#### Objetivos:

- Reconhecer a presença de estereótipos de género no seio familiar;
- Promover a desconstrução desses estereótipos;
- Combater a reprodução desses estereótipos;

#### Descrição da Atividade:

Em aula, trabalhem na construção de um guião de entrevista, com questões a serem colocadas a um membro da família, à escolha da/o aluna/o. Estas questões devem ser elaboradas com o propósito de se compreender qual a profissão da/o entrevistada/o, o que faz especificamente no seu trabalho, se tem mais colegas mulheres ou homens, entre outras. Podem também ser colocadas questões sobre a divisão de tarefas em casa e sobre a perceção da/o adulta/o acerca da divisão das tarefas domésticas e do papel da mulher e do homem, no ambiente familiar, em geral.

Cada aluna/a apresenta os dados obtidos à turma, como se de uma/um verdadeira/o jornalista se tratasse. No final das apresentações podem ser debatidos os casos mais interessantes pela positiva, em que a igualdade de género seja mais observável.

### Notas:

Esta atividade, apesar de ser importante para que também em casa se inicie uma reflexão sobre as questões da igualdade de género, justamente por envolver o seio familiar pode evidenciar algumas realidades mais complexas. Assim, são necessários alguns cuidados éticos para que as crianças não se sintam expostas ou alvo de alguma atenção negativa.

Conhecer e compreender o contexto em que cada aluna/o está inserida/o é fulcral para a condução e orientação contextualizada da atividade, para que esta seja enriquecedora para todas/os as/os envolvidas/os na atividade.

## **Género e as Profissões – Testemunho**

### Objetivos:

- Conhecer um caso que contradiga os estereótipos de género;
- Promover a desconstrução desses estereótipos;

### Descrição da Atividade:

Convidar uma profissional cuja função seja socialmente associada a homens ou um profissional cuja função seja socialmente associada a mulheres (mulher mecânica ou empreiteira ou homem costureiro ou empregado de limpeza).

Previamente os alunos, em grupo, deverão construir um guião de entrevista com questões a colocar ao convidado. O objetivo centra-se na necessidade das/os alunas/os desconstruírem a ideia de terem as suas opções de carreira limitadas por via do seu género, com base em exemplos reais e de sucesso.

### Notas:

A ida à escola de uma/um profissional deve ser antecedida de uma reflexão sobre os estereótipos de género relativamente às profissões, para que as/os alunas/os compreendam o cabal objetivo da conversa. Devem compreender que terão a oportunidade de conhecer alguém cuja escolha da sua profissão não foi condicionada pelas perceções de género, e que o fato de ser mulher ou homem, consoante o caso, não a/o impede de desempenhar a função com gosto e competência. Esta atividade, apesar de não estar dependente, pode ser um complemento, em modo de conclusão, das atividades relacionadas com profissões descritas anteriormente.

## PARTE VI

### PROPOSTAS DE ATIVIDADES PARA CONTEXTO FAMILIAR

#### Nota Introdutória

A igualdade de género ainda é um direito que está longe de ser alcançado em plenitude, por esse motivo devemos, tanto em sociedade, como em casa, ter um papel ativo no combate à reprodução destes estereótipos.

As seguintes atividades são apenas alguns exemplos, apresentando todas elas o objetivo de promover o debate sobre as questões de igualdade de género no seio familiar.

Reconhecer a existência de estereótipos de género e expô-los à criança é o primeiro passo para que esta aprenda a identificá-los e a desenvolver um olhar crítico sobre eles.

Assumindo a complexidade do tema, o primeiro e grande desafio passa pelo confronto com os nossos próprios estereótipos, mas para uma mudança efetiva de mentalidades e comportamento devemos inicialmente reconhecê-los para posteriormente trabalhá-los.

Permitir que a criança se comporte livremente sem a influência de estereótipos, pode parecer assustador, pelo eventual preconceito das/os demais, mas aumenta a sua autoestima e autoconfiança, a sua capacidade de resiliência e o respeito pelas/os outras/os, tornando-a num ser humano mais capaz de enfrentar os desafios que terá pela frente, ao longo da sua vida.

#### **Vamos recontar esta história!**

##### O que fazer:

Caso tenham livros ou contos infantis em casa, de que criança gosta muito, mas que os estereótipos de género estejam muito presentes (a mãe a cozinhar e o pai a ver televisão, a mulher a ser professora e o homem polícia, por exemplo), não restrinjam o seu acesso, mas aproveitem-nos para trabalhar as questões da igualdade de género.

Leiam e conversem sobre a história, de modo que a criança vá conseguindo identificar os estereótipos presentes, colocando questões como “E se fosse ao contrário? Mudaria alguma coisa?”. À luz destas questões ou outras que façam sentido, reconstruam a história, invertendo os papéis. Podem atribuir um novo nome e acrescentar ideias que a criança vá tendo. O objetivo é que a nova história seja livre de estereótipos de género e que a criança compreenda que os comportamentos ou atitudes da personagem não têm de estar condicionados por ser do sexo feminino ou masculino.

No fim proponham à criança que faça um desenho para ilustrar a nova narrativa, ou que encene uma peça de teatro por exemplo.

#### Dicas:

Caso a criança ainda não domine a leitura, podem adaptar a atividade. Leiam a história à criança e vão conversando à medida que vão avançando. Podem também aproveitar as imagens que acompanham a história e conversarem sobre os estereótipos que representam (se for o caso).

Deixamos em anexo algumas sugestões de livros infantis que trabalham as questões da igualdade de género de modo simples e divertido, para que possam aprofundar a temática com a criança.

### **Quando for grande posso ser o que quiser!**

#### O que fazer:

As crianças, desde tenra idade, começam a imaginar o que serão quando forem grandes! É comum as meninas quererem ser médicas ou professoras, e os meninos polícias ou bombeiros. Mas desde cedo é importante mostrar à criança que pode ser o que quiser, independentemente do seu género!

Em conjunto, podem selecionar um conjunto de profissões e discutir se se são mais direcionadas a mulheres e/ou a homens. Pesquisem na internet exemplos que desconstruam esses preconceitos e conversem com a criança sobre eles.

Mostrem que uma mulher também pode ser polícia e um homem também pode ser educador de infância, por exemplo. O objetivo é que a criança ganhe a confiança necessária para imaginar o seu futuro profissional sem pressões associadas ao género, que sonhe livremente e que explore todas as possibilidades.

#### Dicas:

Podem também dar exemplos de familiares ou amigas/os da família cujas profissões não se enquadram nas tipificações de género. Os exemplos reais podem facilitar a compreensão da criança.

Se a criança estiver desperta para uma profissão que convencionalmente não é associada ao ser género, não a limite e permita que a explore através de brincadeiras.

### **Sessões de cinema educativas!**

#### O que fazer:

Os mais novos adoram filmes de animação! As sessões de cinema podem e devem ser utilizadas como ferramentas para desenvolver nas crianças a capacidade de reflexão, de análise e de síntese.

O filme *Brave – Indomável* é um ótimo exemplo de como de forma lúdica, se pode discutir a questão da igualdade de género e da importância de quebrar estereótipos. O filme conta a história de Merida, uma princesa escocesa e filha de um grande caçador de ursos, que apesar dos esforços da mãe para que seja um exemplo de elegância, delicadeza e beleza, prefere cavalgar pela floresta e praticar tiro ao alvo. Determinada a seguir a sua personalidade e conquistar uma voz ativa num mundo predominantemente masculino, Merida vai desafiar os costumes e tradições do seu povo.

No final da sessão, podem colocar questões à criança como “Quais as diferenças entre esta princesa e as outras que conheces?”; “Essas diferenças fazem de Merida uma pior princesa?”; “Achas que há atitudes que as meninas não podem ter apenas por serem meninas?”; “Se Merida fosse um rapaz, achas que teria sido mais fácil para ela? Porquê?”.

O objetivo é quebrar barreiras e que a criança perceba que o seu género não deve nem pode condicionar as suas decisões, pensamentos e ambições.

**Dicas:**

Em anexo apresentamos um conjunto de sugestões cinematográficas, também direcionadas a outras idades, para o caso de terem crianças mais velhas em casa.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barata, F. et al. (1999). *Pela Igualdade de Oportunidades entre rapazes e raparigas em contexto de ensino/aprendizagem*. Lisboa: UMAR

Cardona, M. J. (Coord.) et al. (2015). *Guião de Educação Género e Cidadania 1.º Ciclo*. Lisboa, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, Presidência do Conselho de Ministros.

Cáritas. (s/d). Porque é importante falar em igualdade de género actualmente? Fascículo I

Comissão Europeia (2020). *Uma União da Igualdade: Estratégia para a Igualdade de Género 2020-2025*. Bruxelas

Conselho da União Europeia (2011). *Pacto Europeu para a Igualdade entre Homens e Mulheres (2011-2020)*. Jornal Oficial da União Europeia

Cunha, V. Rodrigues, L. Correia, R. & Atalaia, S. (s/d). *Educação e (des)Igualdade de Género: as desvantagens dos rapazes em contexto escolar*. ICS-ULisboa, OFAP. Disponível em:

<https://esefosseoutracor.com/professores>

European Institute for Gender Equality (2019). *Gender Equality Index 2019: Portugal*. Lituânia. Disponível em: <http://eige.europa.eu/gender-equality-index>

Joel, D. & Vikhanski, L. (2020) *Cérebro e Género: Para lá do Mito do Cérebro Feminino e Masculino*. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores

Lourenço, V. (Coord.) et al. (2019). *PISA 2018 – PORTUGAL. Relatório Nacional*. Lisboa: IAVE - Instituto de Avaliação Educativa, I.P.

Magalhães, M., Canotilho, A. & Brasil, E. (2007). *Gostar de mim, Gostar de ti. Aprender e prevenir a violência de género*. Lisboa: UMAR

OCDE (2015). *O que está por trás da desigualdade de género na educação?* Pisa em Foco, OECD Publishing.

OECD (2015). *The ABC of Gender Equality in Education: Aptitude, Behaviour, Confidence*, PISA, OECD Publishing.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2018. *Portugal + Igual. Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação*. Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2018. Presidência do Conselho de Ministros.

Torres, A (Coord.) et al. (2018). *Igualdade de género ao longo da vida*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

**Sites:**

<http://www.amplos.pt/guia-para-pais-e-maes-de-criancas-com-papeis-e-comportamentos-de-genero-nao-normativos/> Associação de mães e pais pela liberdade de orientação sexual e identidade de género

<https://esefosseoutracor.com> - Associação para o Planeamento da Família (APF), com o apoio da Fundação Vodafone e apoio institucional da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG)

<https://plataformamulheres.org.pt/artigos/direitos-humanos/agenda-2030-ods/> - Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres

**Legislação:**

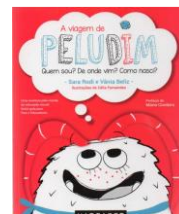
Lei n.º 46/86 de 14 de outubro. *Diário da República n.º 237 - I Série*

Assembleia Constituinte (1976), *Constituição da República Portuguesa – VII Revisão Constitucional*

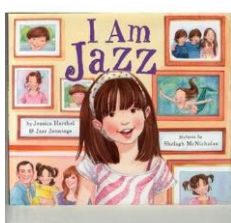
## ANEXOS

### Exemplos de Livros Sobre Igualdade De Género

Para crianças entre os 3 e os 8 anos, **A Viagem de Peludim** aborda as transformações do corpo humano, igualdade de género, respeito pela diferença e violência sexual



Desde os dois anos de idade, Jazz sabia que tinha o cérebro de uma menina no corpo de um menino. Adorava vestir-se como uma sereia e não se sentia ela própria com roupa de rapaz e isso confundiu sua família, que a levou a um médico que disse que Jazz era transgénero e que nasceu assim. **I Am Jazz**, é baseado na história de vida da autora e aborda a questão da transsexualidade para os mais novos.



**“O Livro dos Porquinhos”**, de Anthony Browne, é uma excelente obra para iniciar uma educação baseada na igualdade, na colaboração e no conceito de família.



**“As Gavetas do Mundo (um livro para desarrumar ideias)”** nasceu da vontade de construir uma ferramenta pedagógica para a criação de um espaço de diálogo e reflexão sobre Cidadania e Igualdade de Género, dirigido a crianças, famílias e educadores/as. É, assim, um livro para todas as gerações, sendo o conto infantil acompanhado por um guião de leitura.



Desde criança que o seu maior desejo era herdar o trono e governar. Mas o rei e as leis diziam que apenas um homem o podia ocupar. **A Princesa que queria ser Rei** é a história da luta da princesa para provar que é tão boa como qualquer homem. E mesmo melhor.



Esta obra conta a história de Oliver Button, um menino vítima de bullying na sua escola por parte dos rapazes, por não gostar de jogar à bola. Mas apoiado pelas raparigas e incentivado pela sua professora de dança e pelos seus pais, provará que é na verdade um talentoso artista. **Oliver Button é uma Menina**,

de Tomie Depaola, aborda os estereótipos e preconceitos de género, de um modo natural, mas tão necessário.

Maria, que traz um filho dentro da barriga, conta à sua filha a história da sua infância. Uma história simples, de uma criança feliz. O que torna este livro especial é o facto de Maria ter dois pais: O Pedro e o Paulo. **O Livro do Pedro** pretende contribuir para que faça parte do imaginário infantil a diversidade dos modos de amar e a diversidade das formas de parentalidade.



**Um Dia Na Vida de Marlon Bundo** é a história de um coelho solitário que vive no Observatório Naval com o seu avô e que se apaixona por outro coelho. Com uma mensagem de tolerância e respeito pela diferença, este livro infantil fala-nos sobre a importância do amor, a amizade e a democracia.

**Maria-Rapaz, Manel-Rapariga, Preto no Branco, Girafa ou Formiga** é um livro de Tânia Paia sobre inclusão, igualdade e prevenção da violência.



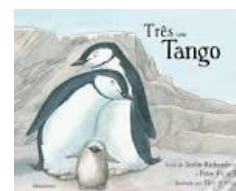
De Sophie Gourion, **As Raparigas Também Podem...! | Os Rapazes Também Podem...!** é um livro que promove a igualdade de género, mostrando que cada um tem direito a fazer aquilo que gosta, desde que seja feliz.

**Será que a Joaquina Tem uma Pilinha?** de Thierry Lenain é um livro que desconstrói a forma de ver o mundo dividida entre os com e sem pilinha.



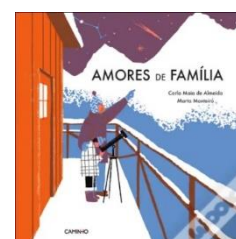
Estes livros são para quem acredita que o importante é ter liberdade para fazer o que se gosta! **O que são coisas de meninas? O que são coisas de meninos?** Duas obras de Pri Ferrari.

**Três com Tango** de Justin Richardson e Peter Parnell, é baseado na história verdadeira de um invulgar casal de pinguins machos que conseguiu ter um filhote graças ao seu tratador no Zoo do Central Park em Nova Iorque.



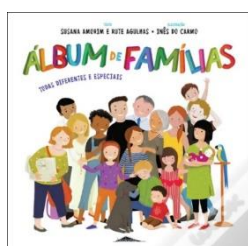
**Todos fazemos tudo** de Madalena Matoso, funciona como um jogo de combinações de imagens em que os estereótipos são desafiados.

**Amores de Famílias**, de Carla Maia de Almeida é recomendado para apoio a projetos relacionados com a cidadania nos 3º, 4º, 5º e 6º anos de escolaridade, por se tratar de um livro que aborda famílias funcionais, mas todas diferentes.



**Não faz mal ser diferente** de Todd Parr, um livro recomendado para Educação Pré-Escolar, mostra que não faz mal ser diferente, porque se é importante e especial assim mesmo.

**Agora eu era uma família feliz**, de Barbara Villadelprat, retrata a história de uma menina que decide explorar o mundo das famílias.



**Álbum de Famílias - Todas diferentes e especiais**, de Susana Amorim e Rute Agulhas, é um livro que ajuda a explorar o conceito de família de forma inclusiva e sem estereótipos. É recomendado pela Associação Portuguesa para a Igualdade Parental e Direitos dos Filhos, pela Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens, pelo Grupo Famílias Arco-Íris da Associação ILGA Portugal e pela SFRAA/Quinta de S. Miguel - Casa de Acolhimento Temporário.

**O Jaime é uma Sereia** de Jessica Love, conta a história de um menino que ia a natação com a avó, mas no dia em que vê três mulheres vestidas de sereias no metro também ele se quer tornar numa sereia.



Outros exemplos em <http://umarfeminismos.org/projectobig/images/contos.pdf>

## Exemplos de Filmes Que Retratam Questões Sobre Igualdade De Género

### **Maiores de 6 anos:**

**Brave – Indomável** - Conta a história de Merida, uma princesa escocesa e filha de um grande caçador de ursos, que apesar dos esforços da mãe para que seja um exemplo de elegância, delicadeza e beleza, prefere cavalgar pela floresta e praticar tiro ao alvo.

**Mulan** – Conta a história de uma jovem destemida que arrisca tudo por amor à sua família e ao seu país, tornando-se numa das maiores guerreiras que a China já conheceu.

### **Maiores de 12 anos:**

**Legalmente loira** – Mostra as dificuldades em provar que uma mulher loira e bonita pode ser uma advogada brilhante.

**As Sufragistas** – Mostra a luta das mulheres pelo direito de voto

**O Sorriso de Monalisa** - Mostra como o sistema educacional dos anos 50 contribuía para a cultura do machismo.

**Billy Elliot** – A luta de um menino de 11 anos para seguir o seu sonho de ser bailarino, mesmo contra a vontade da sua família e enfrentando o preconceito dos moradores da cidade onde vive.

**Frida** – Frida Khalo, um das maiores artísticas mexicanas, foi uma mulher forte que contrariou as regras da época em que viveu.

### **Maiores de 14 anos:**

**A Rapariga Dinamarquesa** – Baseado numa história verídica, o filme relata o processo de mudança de sexo da pintora dinamarquesa Lili Elbe, uma das primeiras pessoas transgéneras a submeter-se à cirurgia.

### **Sem apresentação de idade aconselhada:**

**The Codes of Gender** – Documentário sobre a desigualdade de género nos anúncios publicitários

**The Mask You Live In** – Documentário sobre o impacto sobre a pressão da sociedade sobre aquilo que pode ou não ser considerado "masculino" e como isso pode afetar os nossos jovens.

**No More Boys and Girls: Can Our Kids Go Gender Free?** – Documentário sobre uma experiência com crianças de 7 anos, e o modo como são tratados tendo em conta o seu género.